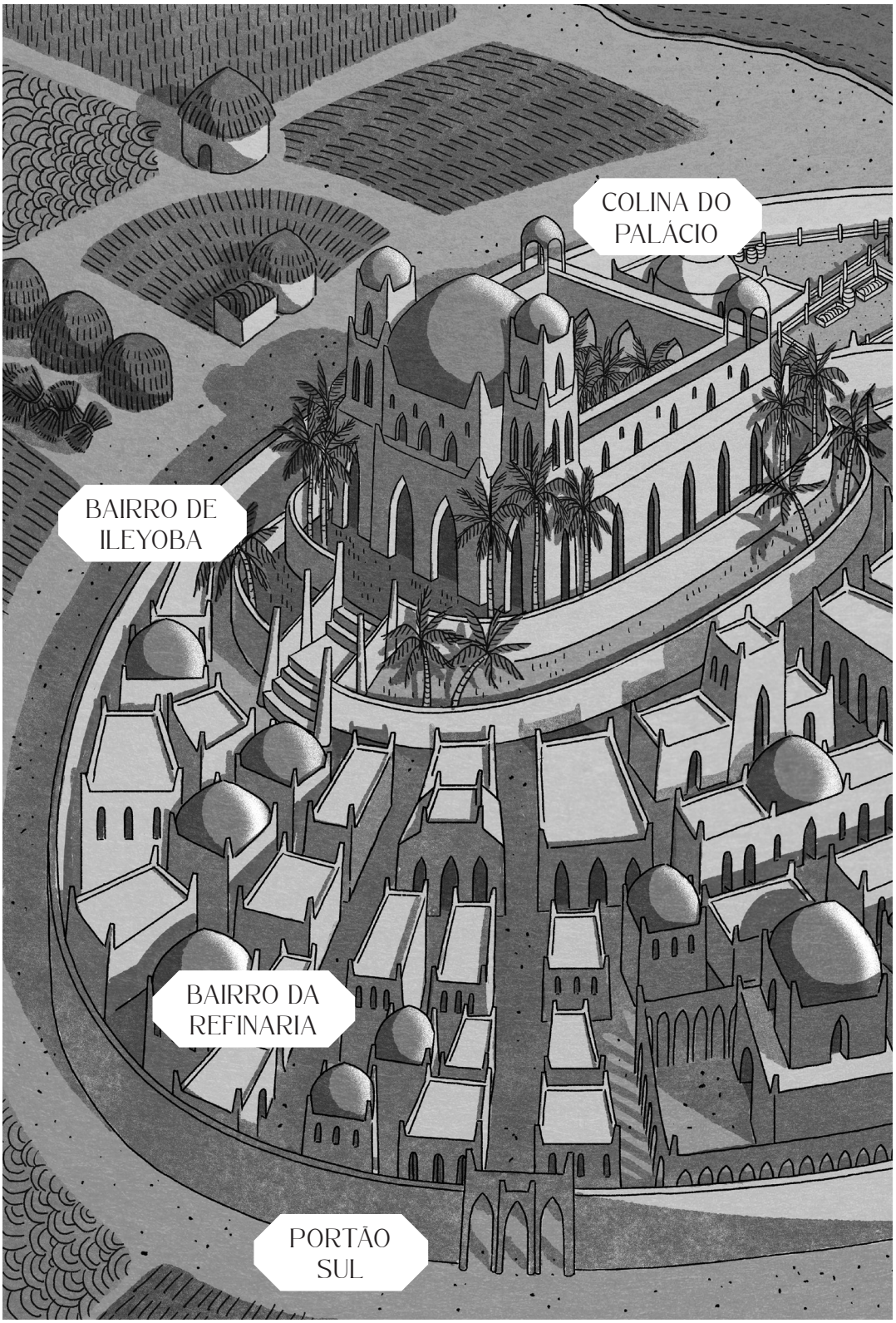
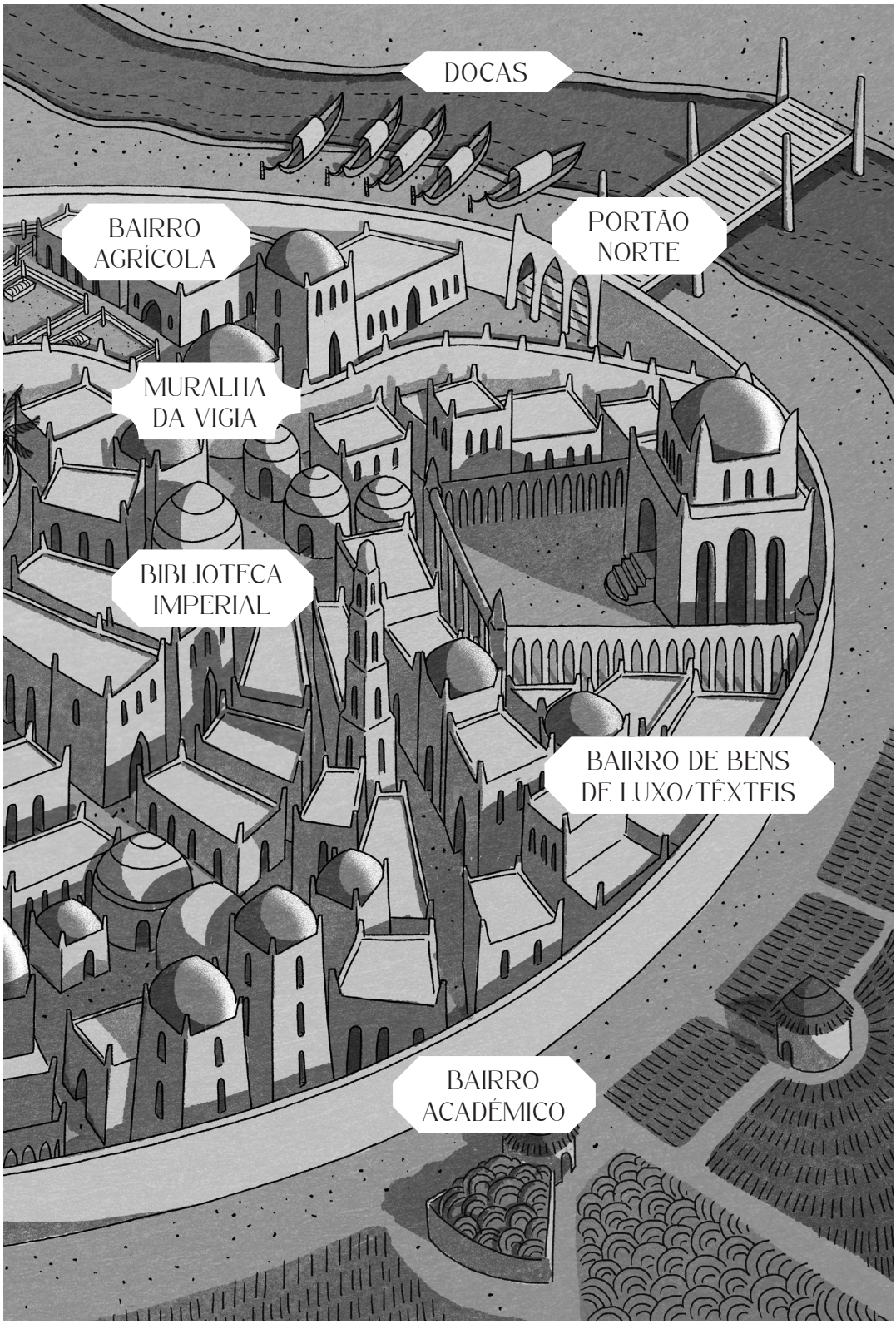

COLINA DO PALÁCIO
BAIRRO DE ILEYOBA
BAIRRO DA REFINARIA
PORTÃO SUL


DOCAS
BAIRRO AGRÍCOLA
PORTÃO NORTE
MURALHA DA VIGIA
BIBLIOTECA IMPERIAL
BAIRRO DE BENS DE LUXO/TÊXTEIS
BAIRRO ACADÉMICO

PARTE I

CAPÍTULO 1

O meu nome era Tarisai Kunleo e ninguém que eu amasse voltaria a morrer.

Percorri o corredor do palácio, com o bater das minhas sandálias a transformar as palavras em música — *nunca mais, nunca mais*. Tocaria esta canção até as minhas solas se desgastarem. Os *griots*, os contadores de histórias sagrados do nosso império, moldavam as histórias em que acreditávamos com a sua música.

Também eu cantaria esta canção até o mundo acreditar nela.

Tar? A base do meu couro cabeludo vibrou quando Kirah se conectou pelo nosso vínculo do Raio, falando diretamente na minha mente. *Estás bem?*

Kirah, a minha irmã do conselho, e Mbali, a antiga Sacerdotisa Suprema de Aritsar, estavam diante de mim no amplo corredor do palácio. Alcancei-as, sorrindo de modo maníaco antes de me lembrar que elas não podiam ver o meu rosto.

Usávamos véus cerimoniais, com contas coloridas e conchas que pendiam até ao peito, ocultando os nossos rostos. Diademas de couro altos para o cabelo, manchados de vermelho e moldados em forma de chamas, circundavam as nossas cabeças. As nossas vestes honravam o Senhor da Guerra do Fogo, criador da morte, e disfarçavam-nos de *birinsinku*: mulheres sombrias da forca, a caminho de realizarmos os rituais sagrados da morte em prisioneiros imperiais.

Sim, estou bem, respondi a Kirah, cerrando os dentes.

Depois, forcei a minha voz a soar de modo leve e alegre, falando em voz alta para Mbali ouvir.

— Só estou… vocês sabem, entusiasmada pelo Thaddace.

Criados e cortesãos afastavam-se graciosamente do nosso caminho enquanto percorríamos o Palácio de An-Ileyoba. Rumores alertavam que as *birinsinku* espalhavam má sorte aonde fossem e, portanto, quando passávamos, os espectadores afastavam o mal com o sinal do Pelicano Sagrado. Ninguém imaginava que eu, Mbali e Kirah estávamos escondidas sob aqueles véus brilhantes, tramando para libertar da prisão o homem mais odiado de Aritsar.

Dayo tinha-me nomeado Imperatriz de Aritsar exatamente duas semanas antes. Até então, o mundo acreditara que existia apenas um Portador do Raio por geração — sempre do sexo masculino. O Raio era um dom de sangue, transmitido desde o primeiro imperador de Aritsar, Enoba, o Perfeito. O seu poder concedia aos imperadores quase imortalidade e permitia-lhes formar um conselho de mentes vinculadas, unindo o vasto continente de Aritsar.

Mas Enoba mentira sobre o dom nas suas veias. Ele nunca deveria ter governado sozinho, pois existiam dois Raios por geração — um para um rapaz e outro para uma rapariga. Esse Raio corria agora nas minhas veias, perturbando quinhentos anos de tradição arit. O meu sexo por si só já me rendera muitos inimigos, mas, como se isso não bastasse, com um voto impulsivo eu pusera todo o império em grave perigo.

Durante eras, demónios chamados *abiku* tinham atormentado o nosso continente, causando secas e doenças e roubando almas para o Submundo. Enoba alcançou a paz por meio de um tratado, saciando os *abiku* ao enviar crianças para a sulfurosa Fenda de Oruku — duzentos Redentores, ou sacrifícios vivos, por ano. Eu anulara esse tratado, oferecendo-me como a Redentora final. Os *abiku* aceitaram com uma condição misteriosa: antes de descer ao Submundo, eu teria de ungir os governantes de todos os doze reinos arit, formando um conselho próprio.

Eles tinham-me dado dois anos. Se, nesse período, eu não conseguisse ungir um conselho nem me lançasse para a Fenda de Oruku… os *abiku* destruiriam o continente. Ninguém estaria a salvo, nem sequer os

sacerdotes nos seus templos elevados ou os nobres nas suas fortalezas douradas.

Enfurecidos, os nobres submeteram-me a uma série de testes. Se o meu Dom do Raio fosse falso, a minha promessa aos *abiku* poderia ser anulada e o antigo tratado restabelecido. Mas, diante de centenas de cortesãos boquiabertos, eu caminhei sobre brasas, bebi taças de óleo de pelicano e mergulhei o rosto em cabaças de água benta — tudo tarefas que, segundo a lenda, seriam fatais para qualquer um que não fosse um Portador do Raio.

A prova mais forte da minha legitimidade, no entanto, brilhava em padrões sinistros nos meus antebraços — um mapa vivo do Submundo, marcando-me como Redentora. Os *abiku* não teriam aceitado o meu tratado, renunciando a uma eternidade de sacrifícios de crianças, por nada menos valioso do que um Portador do Raio. Para ganharem a minha alma, os *abiku* tinham feito uma promessa — e um acordo feito por imortais, uma vez selado com sangue, não podia ser quebrado.

Dayo implorara-me para não provocar mais os nobres.

— Só por algum tempo — suplicara ele. — Eu quero que eles te amem, Tar. Que te vejam como eu vejo. — Sentindo-me culpada por o deixar preocupado, prometi ficar sossegada. E iria ficar. A sério.

Assim que libertasse um traidor imperial da prisão.

O sol do fim da manhã brilhava através das janelas sem vidros de An-Ileyoba, projetando halos em forma de arco nos azulejos coloridos do chão enquanto eu percorria o palácio com Kirah e Mbali. Uma canção flutuava vinda dos pátios exteriores. As crianças da corte cantavam com uma alegria mórbida, observando os guerreiros da Guarda Imperial erguerem uma plataforma de execução.

Quando encontrares Egungun, terás os teus olhos, ó?
Diz-me, ouvi-lo-ás, se não tiveres ouvidos, ó?
Homem morto, homem morto, caiu como um coco
Cabeça redonda rolando
no chão duro e vermelho.

Pestinhas, disse Kirah suavemente pelo Raio, sentindo a minha raiva através do nosso laço de sangue.

Encolhi os ombros. Os arits acreditavam que, após a morte, todas as almas seguiam Egungun, o primeiro ser humano, nascido da Rainha Terra e de Am, o Contador de Histórias. Egungun vagueava pelo Submundo tocando um tambor e conduzindo as almas num desfile até ao paraíso no Núcleo. Aquelas crianças estavam a troçar de Thaddace, que enfrentaria a decapitação numa questão de horas.

O antigo Juiz Supremo de Aritsar tinha feito o indizível, um ato que até duas semanas antes muitos acreditavam ser impossível: pela primeira vez em quinhentos anos, um Ungido tinha assassinado o seu próprio Portador do Raio.

Mas Thaddace apenas agira como um fantoche da minha mãe, matando Olugbade para salvar a vida de Mbali. Eu revelara a relação entre Thaddace e Mbali à Senhora, dando-lhe uma vantagem para o forçar a agir e, portanto… tudo isto era culpa minha. Além disso, Thaddace era *meu*. Tal como os meus irmãos do conselho, a Sacerdotisa Suprema Mbali e Melu, o *alagbato*. Até mesmo Woo In e Kathleen, os Ungidos da minha mãe, ocupavam lugares especiais na minha história.

Eu passara a vida inteira a ansiar por uma família. Agora, que tinha conseguido montar uma, por mais disfuncional e amaldiçoada que fosse… nada ma tiraria. Nem sequer uma execução imperial.

Forcei a minha testa a relaxar. Se o meu plano com Mbali e Kirah funcionasse… Thaddace não dançaria para Egungun tão cedo. *Ri-te dessas crianças*, disse a mim mesma. *Flutua, confiante de que vencerás no final*.

Mas um pensamento intrusivo abalou a minha determinação: *Isso não é o que a tua mãe faria?*

O meu maxilar ficou rígido. Durante demasiado tempo, Aritsar acreditara que as raparigas só podiam ser duas coisas: servas virtuosas do império ou vilãs traiçoeiras, como A Senhora. Mas era altura de eu silenciar essas vozes.

A minha máscara de leoa estava escondida junto do meu peito, protuberante debaixo do meu envoltório. As pontas dos meus dedos aqueceram quando a minha Bênção evocou memórias vagas de Aiyetoro, a única outra *obabirin*, ou imperatriz. Ela tinha vivido há demasiado

tempo para que a minha Bênção recuperasse os seus pensamentos, mas os vestígios da sua confiança altiva deram-me ânimo. Claro que eu iria conseguir salvar Thaddace. Quem poderia impedir uma Portadora do Raio divinamente abençoada? Quem poderia impedir o Sol de nascer?

Tu és Tarisai Kunleo. E ninguém que tu ames voltará a morrer.

Thaddace esperava na prisão ao ar livre do Céu, uma plataforma no topo da torre mais alta de An-Ileyoba. Kirah, Mbali e eu atravessámos o palácio rapidamente. Os corredores ainda estavam vazios, tirando alguns cortesãos sonolentos. Mortalhas funerárias atadas às nossas costas escondiam mantimentos para ajudar na fuga de Thaddace. Ferramentas *birinsinku* completavam os nossos disfarces — pequenos frascos de ervas funerárias e água benta tilintavam nos nossos cintos *birinsinku* enquanto corríamos.

— Vamos conseguir — disse eu, rindo apesar do meu nervosismo.

— Ele não vai aceitar ajuda — advertiu Mbali quando chegámos à escadaria íngreme que levava à prisão de Thaddace.

Engoli a dúvida que me subia pela garganta e sorri para ela.

— Claro que vai. — Tentei esquecer que, ainda ontem, um criado tinha-me passado uma carta escrita em pele de bezerro. A escrita tinha sido gravada diretamente na pele, uma marca da Bênção de Thaddace.

Ouvi falar de um plano para garantir a minha fuga. Se esses rumores forem verdadeiros, então, és uma tola.

Eu matei um imperador, pelo amor de Am.

Não fui forçado. Estava em pleno uso das minhas faculdades mentais e, apesar de qualquer lealdade que tenhas por mim, estou apenas a colher o que plantei. A tua posição já é precária o suficiente. Não te juntes a mim na minha ruína e faças com que Aritsar perca a fé na tua legitimidade.

Eu disse-te uma vez que não existe justiça, apenas ordem. Mas estava errado. Às vezes, justiça e ordem são a mesma coisa.

Deixa-me entregue ao meu destino, minha protegida. Vou juntar-me ao Cortejo de Egungun.

Thaddace não assinara a carta. O seu anel com sinete tinha sido confiscado e, além disso, ele sabia que uma assinatura era desnecessária. De cada vez que eu tocava no couro de bezerro, a minha Bênção fazia com que a memória das mãos do meu antigo mentor, a sua dor e

determinação, irritassem a minha pele. Ele intensificara provavelmente os seus sentimentos de propósito, sabendo que eles transpareceriam do papel, coagindo-me.

— Pode convencê-lo a fugir — disse eu a Mbali. — Sei que ele receia arruinar a minha reputação, mas não seremos apanhadas. Tudo o que temos de fazer é…

— Ele não virá — repetiu Mbali. — Isto não tem que ver contigo, Tarisai. Ele só está a fingir que tem.

Olhámos para o patamar. Kirah pegou na minha mão e apertou-a. Da última vez que tínhamos estado ali, havia onze flechas apontadas ao coração da minha mãe. A Senhora tinha sobrevivido à execução malsucedida, apenas para ser acidentalmente envenenada por Woo In, o seu próprio membro do conselho. Por baixo do véu, eu tinha a certeza de que Mbali também parecia assombrada.

— O Thaddace devia proteger o Olugbade a todo o custo — disse Mbali. — Esse é o objetivo de sermos os Ungidos e é por isso que eu estava pronta para que A Senhora me atirasse desta torre. Mas o Thaddace… — Ela suspirou. — Ele não conseguiu deixar-me partir. Quebrou o voto mais sagrado que alguma vez fez e agora sente que tem uma dívida para com o Universo.

Um arrepio percorreu-me os braços.

— Ele *quer* morrer?

Mbali acenou com a cabeça, com os fios de contas do seu véu a tilintarem.

— Isso é… — gaguejei. — Isso é loucura.

— Não — disse Mbali, impassível. — Isso é apenas o Thaddace.

Kirah cruzou os braços.

— O Juiz Supremo ama uma coisa mais do que a ordem, Sacerdotisa Suprema. E essa coisa é a senhora. Eu vi-o.

— Não deves continuar a chamar-me assim — repreendeu Mbali baixinho. — Tu tornaste-te a *Sacerdotisa Suprema*, Kirah, no instante em que o Olugbade morreu. Da mesma forma, o Thaddace não é o Juiz Supremo. Já não. — Ela desviou os seus olhos negros como espelhos para mim. — Quanto mais cedo vocês as duas aceitarem os vossos papéis, melhor.

Kirah corou.

— Bem, eu ainda acho que pode convencê-lo, Sacerd… Excelência Ungida. Quando entra numa sala, ele muda. A senhora é o Núcleo dele. — Ela usou um tom teimoso que eu suspeitava ter herdado da mãe. — E a senhora sabe disso. — Então, ela estendeu-nos quatro pedaços de cera.

Mbali pareceu duvidosa, mas suspirou, encolheu os ombros e tapou os ouvidos. Eu também tapei os meus. Kirah pigarreou e cantou para o topo da torre. O som estava abafado, mas reconheci a mesma canção de embalar que Kirah cantara quando nos conhecemos, enquanto esperávamos a nossa vez de sermos testadas no Palácio das Crianças.

Mesmo com as mãos a tapar os meus ouvidos cheios de cera, o timbre vibrante da voz de Kirah penetrou nos meus membros, lembrando-os de como estavam cansados. De como era bom descansar. De como uma soneca, mesmo ali no chão frio de azulejos, era exatamente o que eu precisava…

Abanei a cabeça e cantarolei uma contra melodia, limpando a névoa da minha mente. Os guardas no topo das escadas não tiveram a mesma sorte. Quando as suas sombras apareceram nos degraus, os quatro guerreiros estavam curvados de exaustão, bocejando enquanto olhavam para nós. Três deles conseguiram dar alguns passos antes de colapsarem na escada, deixando cair as lanças com um barulho metálico enquanto começavam a ressonar. A última guarda pareceu perceber o que estava a acontecer, mas, antes que pudesse pedir ajuda, eu subi as escadas, toquei-lhe na cabeça e roubei-lhe os últimos momentos das suas memórias. Senti uma ferroada de culpa quando ela olhou para o meu rosto velado, sem emoção alguma no seu.

Cerrei os dentes e pressionei-lhe a têmpora novamente, apagando toda a manhã, assim como o dia anterior. Anos a tentar afastar os pesadelos de Sanjeet tinham-me ensinado que as mentes são perigosamente resilientes. Com contexto suficiente, as pessoas podiam reconstruir as suas memórias roubadas, como se preenchessem as peças em falta num mosaico. Para Thaddace escapar, eu não podia deixar que os guardas se lembrassem de quem o ajudara.

A guarda sucumbiu finalmente à canção de Kirah, caindo contra mim. Deitei-a gentilmente no patamar e depois apaguei as memórias dos outros três guardas, não querendo correr riscos.

Quantos dias de memórias roubadas, perguntei-me, seriam necessários para apagar quem alguém era? Suponhamos que eu apagava um momento crucial ou uma epifania — seria isso equivalente a um assassínio?

Engoli em seco, tentando não pensar nisso. Em troca das poucas memórias que eu roubara aos guardas, Thaddace sobreviveria para criar milhares delas. Isso tornava tudo correto, não era? O sacrifício de poucos em troca de muitos… Estremeci, odiando a maldita aritmética das imperatrizes.

Um dos guardas usava um colar de chaves; eu tirei-lho por cima da cabeça e subi as escadas. Ali, atrás da porta com grades de ferro que levava ao Céu, estava Thaddace, com as mãos firmemente colocadas sobre os ouvidos.

Sorri de alívio. Se Thaddace não tivesse reconhecido a Bênção de Kirah a tempo, teríamos tido de arrastar o seu corpo adormecido para fora da torre.

— Excelência Ungida — disse eu, afastando o véu *birinsinku* —, sou eu. Viemos para o tirar daqui. — O meu sorriso desapareceu ao ver o olhar vazio de Thaddace. Um cheiro forte a amoníaco emanava dos baldes aos seus pés e uma túnica puída, puxada como um capuz sobre a sua cabeça, servia como a sua única proteção contra semanas de sol e vento intensos. Queimaduras lívidas salpicavam-lhe a pele pálida. O seu cabelo e a barba tinham sido recentemente cortados, mais por misericórdia do que por humilhação, considerando os piolhos da prisão. Perguntei-me quem lhe teria passado a navalha e, embora o pensamento me causasse arrepios, por que razão ele não a tinha usado para acabar com o seu sofrimento.

Ele destapou as orelhas.

— Eu disse-te — disse o antigo Juiz Supremo, com voz rouca — para não vires.

— Nunca fui boa a seguir instruções — recordei-lhe e remexi no molho de chaves, percorrendo as memórias roubadas dos guardas. Uma

imagem da chave certa surgiu na minha mente. Coloquei-a na fechadura… e depois gritei e deixei cair o molho de chaves, chupando o meu dedo com bolhas.

— A sério? — acusei Thaddace, boquiaberta de choque. — Usou a sua Bênção de calor no ferro? Isso é baixo, Excelência Ungida.

Ele não disse nada, com os olhos verdes opacos e sombrios.

— O senhor podia ter derretido toda a fechadura — disse eu então, começando a perceber. — Todo este tempo, podia ter-se libertado!

— Não passei a minha vida — disse Thaddace com o seu forte sotaque mewês — a fazer cumprir as leis deste império para agora as desrespeitar. Dentro de poucas horas, colocarei a minha cabeça naquele cadafalso. E, que os deuses me ajudem, saldarei finalmente as minhas dívidas… — Ele parou de falar quando o seu olhar se fixou atrás de mim, onde se encontravam Mbali e Kirah.

A antiga Sacerdotisa Suprema removeu o véu.

— E a dívida que tens para comigo?

A determinação no queixo de Thaddace desmoronou-se, como um pilar de sal em água.

— E os teus irmãos, que já sofreram o suficiente? — perguntou Mbali, estendendo a mão através das grades para acariciar o rosto dele marcado pelo tempo.

Tentaram falar sem palavras, com os olhos cheios de um desejo mudo. Mas nenhuma energia crepitava no ar — nenhuma faísca atravessava o espaço entre eles.

Eles já nem sequer têm uma ligação mental, disse Kirah pelo Raio e o seu horror era intenso através da nossa ligação mental. *Acho que as aptidões deles concedidas pelo Raio desapareceram quando o antigo Imperador morreu. Tar… isso não parece justo.*

Não, não parecia. Eu ainda estava atordoada com a rapidez com que os antigos Ungidos tinham sido destituídos do seu poder. Após a morte do Imperador Olugbade, a lei arit exigia que o seu conselho fosse permanentemente exilado de An-Ileyoba para que o novo poder do nosso conselho fosse incontestável. Os Onze de Olugbade residiam agora num templo isolado nos arredores da Cidade de Oluwan. Após uma complicada série de disfarces e subornos, Kirah e eu tínhamos

conseguido trazer Mbali de volta para o palácio em segredo, sabendo que ela era a nossa única esperança de convencermos Thaddace a sair da prisão.

O Thaddace e a Mbali ainda podem ficar juntos, disse eu a Kirah, tentando confortar-me também. *Eles não precisam do Raio para sobreviver*.

Mas eu não tinha a certeza se acreditava realmente nisso. Pensei nas minhas noites com Sanjeet desde que voltara para An-Ileyoba, com os nossos corpos pressionados um contra o outro e doces tolices a flutuarem entre as nossas mentes até um de nós adormecer. Eu amá-lo-ia sem o Raio, é claro. Mas quando imaginei a ligação mental a desaparecer, erguendo uma parede inflexível entre as nossas mentes para sempre… estremeci.

Thaddace chorou contra a palma da mão de Mbali.

— Tenho de ficar — sussurrou ele. — Nós vivemos para construir um império. Para moldar a ordem a partir do caos, um mundo onde as regras importam. Se achas que enlouqueci…

— Acho — disse Mbali amargamente — que és o mesmo tolo por quem me apaixonei. Aquele que achava que o conjunto certo de leis poderia salvar a humanidade.

Eles abraçaram-se através das grades e percebi com frustração que os seus rostos estavam resignados. Eles *estavam* a desistir. Estavam a despedir-se.

— As leis não são tudo — exclamei, batendo o pé como uma criança. — Mesmo que mantenham os impérios a funcionar. A ordem não é suficiente.

Thaddace virou-se para mim, apanhado de surpresa, erguendo uma sobrancelha.

— Palavras imprudentes da nova Juíza Suprema de Aritsar — disse ele secamente. — Ainda és responsável pelos processos judiciais, sabes? Mesmo como Imperatriz Redentora.

Eu mal o ouvi. A voz tritonal do santuário em Sagimsan ressoou nos meus ouvidos, aquecendo cada membro do meu corpo. Eu nunca contara a ninguém o que tinha acontecido naquele dia — quando um espírito falou comigo na encosta, impulsionando-me sobre o dorso de Hyung em direção ao que eu achava ser uma morte certa. Eu mesma

mal o compreendia. Mesmo agora, uma emoção assustadora percorreu as minhas veias enquanto eu gaguejava aquelas palavras — as que me tinham feito atravessar as magnetites.

— *Não perguntes quantas pessoas vais salvar* — disse eu. — *Pergunta: Para que mundo as vais salvar?* O que constrói um mundo em que valha a pena sobreviver? — Acenei com a cabeça para as mãos de Thaddace e Mbali. — Bem… e se for isto, Excelências Ungidas? E se for?

Thaddace examinou o rosto de Mbali, absorvendo-a com os olhos. A sua determinação suicida começou a vacilar.

— Thaddace de Mewe — disse eu. — Ordeno-lhe que fuja desta torre.

Ele pestanejou, surpreendido, mas eu apenas sorri.

— Obedeça à sua imperatriz, Excelência Ungida. — Inclinei a cabeça. — Não quer infringir a lei, pois não?

CAPÍTULO 2

Thaddace de Mewe riu-se. Um som desesperado e rouco que se transformou em tosse.

— Afastem-se — conseguiu ele dizer por fim e a fechadura de ferro da grade ficou incandescente, derretendo sobre si mesma até a porta se abrir com um rangido. Thaddace apertou Mbali contra o peito, ofegando sob a torrente de beijos dela.

— Desculpa — murmurou ele contra o pescoço dela. — Fui um tolo.

— Meu tolo — concordou Mbali. Kirah e eu olhámos com embaraço para as nossas sandálias e, após alguns momentos, os antigos Ungidos pareceram lembrar-se de que não estavam sozinhos. Thaddace olhou para mim por cima da cabeça de Mbali.

— Bem, incorrigível? E agora?

— Vista isto — ordenei, tirando um uniforme da Guarda Imperial e uma máscara contra a poeira do embrulho às minhas costas. — Depois, teremos de nos separar. Grupos de dois dão menos nas vistas.

Enquanto ele mudava de roupa, escutei junto do patamar. O meu coração disparou no momento em que ouvi o rangido de um carrinho, um baque abafado no fundo das escadas e o barulho de passos ansiosos a afastarem-se.

— Foi a entrega — ordenei —, o Sanjeet disse que deixaria um corpo como engodo. Kirah, Excelência Ungida Mbali, conseguem arrastar o cadáver até ao patamar? — Elas acenaram com a cabeça. — Ótimo. Depois de o trazerem, vistam-no com a roupa de Thaddace. Usem as

tochas para lhe pegar fogo, para que pareça uma morte por desonra. Depois, saiam daqui o mais rápido possível. A essa altura, o Thaddace e eu já devemos ter chegado aos portões do palácio.

Kirah estremeceu.

— E se alguém vos parar?

— Estamos a sair do palácio, não a entrar. Eles não terão motivos para nos revistar minuciosamente.

— Ainda assim — Kirah apontou para os amuletos sinistros e para os frascos de água benta pendurados no meu cinto —, certifica-te de que os guardas os veem. E as marcas nas tuas mangas. Dá azar tocar numa *birinsinku* que acabou de realizar os últimos ritos. Ou, pelo menos, é nisso que as pessoas acreditam. — Ela fez um sorriso fraco. — Esperemos que esses guardas sejam supersticiosos.

Thaddace deu um último beijo demorado nos lábios carnudos de Mbali, sorrindo enquanto ela murmurava contra ele:

— Um mundo pelo qual vale a pena sobreviver.

O seu olhar verde percorreu o rosto dela.

— Estamos quase lá — disse ele. Então, o meu antigo mentor pegou na minha mão que ostentava o anel com a sua queimada pelo sol e desaparecemos pelas escadas do patamar.

An-Ileyoba estava a acordar e os corredores estavam perigosamente apinhados. Os cortesãos lançavam olhares curiosos para o Guarda Imperial com máscara e para a mulher *birinsinku* de véu que se apressavam pelos corredores. O meu coração batia com força.

— Vamos atravessar a ala residencial e cortar caminho até aos portões das traseiras — disse eu a Thaddace, mantendo a cabeça baixa. — Há menos testemunhas.

A minha suposição estava correta. Os quartos do palácio tinham pouca gente e conseguimos correr sem chamar a atenção. Mais alguns corredores e estaríamos no exterior. Então, Thaddace atravessaria os portões e eu teria um horror a menos, uma morte a menos na minha consciência.

— Já quase acabou — sussurrei e, então, virámos uma esquina. Uma criança estava parada sozinha no meio do corredor… e eu arquejei de dor.

Os glifos de Redentora nos meus braços arderam, brilhando num azul intenso.

— Saudações, Excelências Ungidas — disse o rapaz num tom monótono.

À primeira vista, eu teria dito que a criança era um fantasma. No entanto, ele era de carne e osso, e não um espírito, com os pés firmemente plantados no chão. Teria dez, talvez onze anos, cabelo liso emaranhado e pele pálida como a de Thaddace. A força do sotaque mewês do rapaz surpreendeu-me. O reino frio e verde de Mewe ficava a milhares de quilómetros a norte de Oluwan, mas a maior parte dos reinos diluía os seus dialetos regionais em favor da língua imperial, por receio de soarem como campónios. Este rapaz parecia nunca ter visto uma cidade imperial na vida. E o mais confuso… marcas de nascença de Redentor cobriam o seu corpo. Ao contrário das minhas, as dele brilhavam em roxo — a marca dos Redentores que tinham satisfeito a sua dívida para com o Submundo.

— Estás enganado — gaguejei. — Nós não somos Ungidos. Eu sou uma *birinsinku*. — O véu cobria densamente a minha cabeça e os meus ombros. Este rapaz não podia saber quem nós éramos. Bem… as marcas que brilhavam através do meu manto poderiam denunciar-me, mas a máscara de Thaddace ainda estava no seu lugar. De qualquer forma, precisávamos de continuar a andar. Avancei rapidamente, com a intenção de passar por ele, mas o rapaz caiu de joelhos diante de Thaddace, olhando para ele com olhos translúcidos.

— Abençoe-me — sussurrou ele. — Por favor.

— Estás a ser tolo — disse eu com rispidez à criança, começando a entrar em pânico quando o rapaz agarrou a túnica de Thaddace. — Larga-o.

— Por favor…

— *Chiu!* — sibilou Thaddace, olhando em volta do corredor vazio. Quando ninguém veio investigar, Thaddace tentou sacudir o rapaz, mas a criança começou a chorar, um som agudo e lancinante.

— Não gosto disto — sussurrei.

— Não há como evitar. — Thaddace encolheu os ombros e suspirou. — As transições de poder são sempre difíceis para os camponeses. Eu faço o que ele quer.

Os pelos da minha nuca arrepiaram-se. A criança… cheirava mal. Não como um corpo sujo, mas como terra e decomposição, ou o almíscar podre dos túmulos a fumegar na estação chuvosa.

Algo estava muito, muito errado.

Thaddace baixou-se, estendendo a mão para tocar na cabeça da criança.

— Pelo poder do Raio, anteriormente investido em mim, eu abençoo…

Ouvi a faca antes de a ver. O atrito do metal contra o couro, quando o rapaz a tirou da bota, e o silvo suave e húmido quando uma linha carmim cresceu na garganta de Thaddace.

A minha visão escureceu enquanto o sangue encharcava o colarinho de Thaddace e ele cuspia e ofegava.

— Corre — disse ele, mas os meus pés tinham perdido toda a sensibilidade.

— Vida longa à Imperatriz Redentora — gorgolejou Thaddace, com a mão agarrada ao pulso do rapaz. Cambaleando, Thaddace virou a faca para a criança. O rapaz não resistiu, estranhamente calmo enquanto a sua própria lâmina o empalava.

Então, Thaddace caiu no chão, morto antes mesmo de tocar no solo.

Eu recuei, tremendo da cabeça aos pés. Não. Thaddace não podia estar morto. Thaddace era meu e eu era Tarisai Kunleo e ninguém que eu amava iria…

O pensamento transformou-se em ruído branco quando o rapaz se debruçou sobre o corpo de Thaddace, removendo a faca do próprio peito. Ele não sangrou.

— Tu não és humano — sussurrei. — O que és tu? — Ele não parecia um *abiku*. Não tinha olhos só com pupilas, dentes pontiagudos ou pele cor de cinzas. Além disso, os *abiku* não matavam humanos, a menos que o Tratado fosse violado e eu ainda tinha dois anos para fazer o meu sacrifício. Portanto, se não era um *abiku*, então… o que era?

A criatura inclinou a cabeça.

— Sou seu servo.

— Tu mataste o Thaddace. — O mundo estava a girar. — Porquê? Pelo amor de Am, porquê?

— Thaddace de Mewe assassinou o falecido Imperador Olugbade — respondeu a criatura. — A Imperatriz Redentora estava a ajudar um traidor da coroa.

— Mas a culpa não foi dele — solucei. — A minha mãe obrigou-o. O Thaddace não ia morrer; eu ia salvá-lo…

— A imperatriz não se deve envolver em ações que prejudiquem a sua reputação — continuou o rapaz. — Para os nossos propósitos, a sua imagem deve permanecer imaculada. A senhora deve manter a confiança do povo arit.

— Que propósitos? — guinchei. — Para quem é que trabalhas?

As suas feições infantis enrugaram-se, como se eu tivesse feito uma pergunta para a qual ele não tivesse recebido a resposta.

— Sou seu servo — repetiu ele. — A imperatriz não deve… — Ele deu um passo em frente. Procurei uma arma, mas a minha mão encontrou apenas as bugigangas no meu cinto. Com um grito, destapei um frasco de água benta e atirei o seu conteúdo ao rapaz.

A água teria dissolvido um *abiku* maligno, transformando-o em cinzas. Mas o rapaz apenas estremeceu, olhando sem expressão para as suas roupas salpicadas.

— O que és tu? — perguntei novamente, agarrando-lhe o ombro e tentando ler as suas memórias.

Durante alguns segundos, tudo o que vi foi um longo e profundo vazio. Pestanejei — isto nunca tinha acontecido antes. Até os bebés tinham *algumas* memórias, embora confusas e desorganizadas. Contudo, após um momento, a minha Bênção conseguiu resgatar o mais ténue eco de uma memória, trazendo-a à superfície.

O rapaz recuou, libertando-se do meu contacto, e o seu olhar tornou-se subitamente infantil. Desfocado… como se estivesse a recordar um sonho distante.

— Eu — murmurou ele —, eu chamo-me Fergus. Nasci em Faye's Crossing. No extremo norte, em Mewe.

— Para quem trabalhas? Quem é a tua família?

O rapaz abanou a cabeça lentamente.

— Os meus pais… foram-se embora. Não. Morreram na guerra. Em Gaelinagh.

— Gaelinagh? — Repeti a palavra estrangeira e percorri rapidamente os registos de batalhas na memória. — Mas isso é impossível. — A Batalha de Gaelinagh fora uma guerra civil mewesa e eles não tinham tido nenhuma há séculos. Não desde…

A descrença roubou-me as palavras da garganta.

A paz tinha sido estabelecida em Mewe há quinhentos anos — durante o reinado do Imperador Enoba. Na época em que os Redentores nasciam em todo o continente e não apenas na Terra dos Cânticos.

A criança mewesa estava a afundar-se diante dos meus olhos. O chão estava… estava a *engoli-la*. Os meus dedos agarraram a sua pele pálida e húmida, mas a minha Bênção não encontrou nada — apenas um vazio frio.

Que tipo de criatura não tinha praticamente nenhuma memória?

— O seu mapa ainda está azul — disse ele. O tom monótono voltara e ele acenou com a cabeça distraidamente para os símbolos nos meus antebraços. — Ficará roxo assim que se juntar a nós. — Então, o chão fechou-se sobre ele. Ele desapareceu, deixando-me sozinha com o corpo de Thaddace, enquanto um bando de cortesãos contornava a esquina.